

Valor Econômico, 1 de outubro de 2021

Inteligência artificial, 2041

Por: Armando Castelar

Onde você estava em outubro de 2001? Se no Brasil, em meio ao noticiário sobre o ataque às Torres Gêmeas, você estaria lendo sobre o aumento da tarifa de eletricidade, do preço dos alimentos e dos preços em geral, que fechariam o ano com altas de 17,9%, 9,6% e 7,7%, respectivamente. O risco de racionamento estava lá e o risco político crescia, com os investidores assustados com as pesquisas sobre as eleições um ano à frente. Resultado: desvalorização do real frente ao dólar, de 46% em 12 meses, complicando a situação fiscal e elevando a dívida pública, que subiria com força nos meses seguintes. O rendimento do trabalho caiu 9% em termos reais em 2001 e recuaria mais em 2002.

Olhando assim, parece que nada mudou nessas duas décadas. Os problemas são os mesmos, os personagens quase todos também e os discursos muito parecidos. Mas, quando se olha para o conteúdo tecnológico de nossas vidas, tudo é muito diferente. Há vinte anos não havia smartphones, nem redes sociais, nem Fintechs, nem muito menos reuniões e aulas à distância. Hoje nossa vida é quase toda mediada pela tecnologia, do e-commerce aos aplicativos de namoro.

Para onde irá tudo isso daqui a 20 anos? Essa é a pergunta foco do recém-lançado livro “AI 2041”, escrito por Kai-Fu Lee e Chen Qiufan. Recomendo: o livro é espetacular.

Sua proposta é discutir como o rápido avanço da inteligência artificial, em especial aquela calcada no método de “deep learning”, moldará o mundo daqui

a 20 anos. Isso pois esse método, visto como o único avanço revolucionário nessa área em mais de seis décadas, é dependente da capacidade de processamento computacional e da disponibilidade de dados, e a previsão é que ambas sigam se expandindo exponencialmente no futuro.

Claro, o tema é fascinante. Mas igualmente fascinante é a forma como os autores o tratam no livro. Eles selecionaram dez dimensões de nossas vidas que tendem a ser mais afetadas pelo avanço da inteligência artificial. Cada uma delas é tratada em um capítulo, que abre com um conto de ficção científica, escrito por Chen Qiufan, focando no tema. Os contos em si, ambientados em diferentes locais e culturas, já valem à pena: muito bem escritos.

Na sequência, Kai-Fu Lee, o cientista do par, analisa a questão, de forma bastante didática, com referências cruzadas ao conto que acabamos de ler. Nessa análise, ele cobre um pouco a questão da tecnologia, explicando que área do campo mais amplo da inteligência artificial é relevante para cada tema. Tecnologias, por exemplo, como a “convolutional neural networks” (CNN) e a “generative adversarial network” (GAN), que estão por trás do movimento de “deepfake”. Ou a GPT (“generative pre-trained”), desenvolvida pelo Google, e que na versão atual trabalha com modelos com um trilhão de parâmetros. Eu nunca ouvira falar de nenhuma delas — foi uma viagem.

A tecnologia não é, porém, o foco principal dessa segunda parte dos capítulos, mas sim o impacto desses avanços sobre a vida das pessoas, que varia de um capítulo para outro. Em alguns casos se preveem avanços notáveis, na farmacêutica e na medicina, por exemplo, ou em termos de se prover um ensino mais ajustado ao perfil de cada criança e de se reduzir o custo de produção, reduzindo a pobreza e as horas dedicadas ao trabalho.

Em outros, as mudanças são preocupantes: perda total de privacidade, da capacidade de discernir notícias falsas das verdadeiras, do emprego (em grande escala) e mesmo o risco trazido por guerras em que não há pessoas, só máquinas.

Óbvio, o impacto disso sobre a vida, não só das pessoas, mas também das empresas e das instituições em geral, não é trivial. Basta pensar no quanto as mudanças trazidas pela tecnologia nos últimos anos afetou setores como finanças, medicina, turismo, televisão, imprensa, propaganda etc. Em uma passagem, o livro prevê que em cerca de 40% dos empregos atuais as pessoas serão substituídas por computadores. Em que grau não ter trabalho não compromete nosso sentido de ser e não acaba, como se vê hoje, em alcoolismo, dependência de drogas e suicídio?

Mesmo sem citar o autor da frase, o livro segue então o conselho de Arie de Geus, em *The Living Company* (Harvard Business School Press, 1997), onde observa que “as únicas discussões relevantes sobre o futuro são aquelas através das quais conseguimos mudar a pergunta de o que irá acontecer? para o que faremos se algo acontecer?”. Assim, cada capítulo procura provocar um debate sobre como nos prepararmos, como sociedade, para transformações potencialmente tão brutais. Interessante saber, por exemplo, que em 2019 a Califórnia aprovou uma lei proibindo usar “deepfake” para pornografia e para manipular vídeos de candidatos perto de eleições.

Nessa parte, naturalmente, o tema é apenas arranhado, pois são questões complexas, que envolvem valores éticos importantes, para os quais culturas diferentes darão respostas distintas. Mas, também por isso, o livro é tão interessante: por nos provocar a pensar sobre o que julgamos certo e errado

nessas mudanças. As quais, claro, não esperarão 2041 para começar, mas irão aparecendo aos poucos. É um convite também para nós “pararmos de nos preocupar e abraçarmos o futuro com imaginação”, como Chen Quifan nos convida a fazer em sua introdução. O Brasil tem muito a ganhar com isso.

Link para a matéria original:

<https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/inteligencia-artificial-2041.ghtml>